

REENCONTRO
literatura

Charles Dickens

**David
Copperfield**

Tradução e adaptação em português de
Hildegard Feist

Ilustrações de
Luiz Maia



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Mauro Aristides

Edição de texto
José Paulo Brait

Roteiro de trabalho
Rosana Correa Pereira El-Kadri

Revisão
Renato Luiz Tresolavy
Nair Hitomi Kayo

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Programação visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes

Ilustrações de capa e miolo
Luiz Maia



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente:
(0xx11) 4003-3061

www.ataticscipione.com.br
atendimento@aticscipione.com.br

2017

ISBN 978-85-262-5180-9 – AL

Cód. do livro CL: 733666

CAE: 221144

1.ª EDIÇÃO

10.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *David Copperfield*,
de Charles Dickens. London: Penguin, 1996.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feist, Hildegard

David Copperfield / Charles Dickens; tradução e adaptação de Hildegard Feist; ilustrações de Luiz Maia. – São Paulo: Scipione, 2004. (Série Renencontro literatura)

Título original: David Copperfield

1. Literatura infantojuvenil I. Dickens, Charles, 1812-1870. II. Maia, Luiz. III. Título. IV. Série.

03-7272

CDD-028-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>Quem foi Charles Dickens?</i>	4
1. Minha vida em família	6
2. Grandes mudanças	10
3. Meu primeiro castigo	15
4. O colégio interno	18
5. Um aniversário inesquecível	22
6. Aprendiz de escravo	26
7. Em busca de um lar	31
8. Nome novo, vida nova	35
9. Um grande reencontro	39
10. Festa de noivado	43
11. Lembranças e lamentos	45
12. Beber não vale a pena	48
13. O sócio	53
14. Abismo de amor	57
15. Novidades	60
16. A fuga de Emily	64
17. Meu noivado secreto	66
18. Arruinados	69
19. Trabalho duro	76
20. “Estar por cima”	79
21. Fúria impotente	83
22. Marcha nupcial	85
23. Lar, doce lar	88
24. Boas notícias	91
25. A raposa encurralada	94
26. Escuridão	100
27. Mortos na praia	103
28. Uma descoberta crucial	106
29. Sem lugar vazio	109
<i>Quem é Hildegard Feist?</i>	112

QUEM FOI CHARLES DICKENS?

Lembre-se de Charles Dickens (Inglaterra, 1812-1870) sempre que você ligar a tevê para assistir a um capítulo de novela: foi a partir do sucesso de *As aventuras do sr. Pickwick* (adaptado para a série Reencontro Literatura com o título de *O sr. Pickwick em flagrantes*) que a forma seriada de contar histórias tornou-se mundialmente popular. Isso aconteceu na Inglaterra, durante os anos de 1836 e 1837, quando pela primeira vez uma publicação atingiu a surpreendente tiragem de quarenta mil exemplares.

Essa popularização da literatura não era apreciada pela crítica, que acusava Dickens de “fabricar entretenimento” e de ser “um homem que recebera pouca educação, escrevendo para um público ainda menos letrado do que ele”.

Na verdade, o menino Charles não teve oportunidade de frequentar a escola por muito tempo. Filho mais velho de um funcionário público que gastava muito mais do que suas posses permitiam, aos doze anos foi obrigado a trabalhar numa fábrica. Seu pai acabou sendo preso por dívidas e toda a família, sem dinheiro sequer para pagar o aluguel, terminou na miséria.

O sentimento de abandono nunca mais deixou Dickens. A figura da criança desamparada, perdida e perseguida se tornou personagem central de muitas de suas obras, como *David Copperfield* (1849-50).

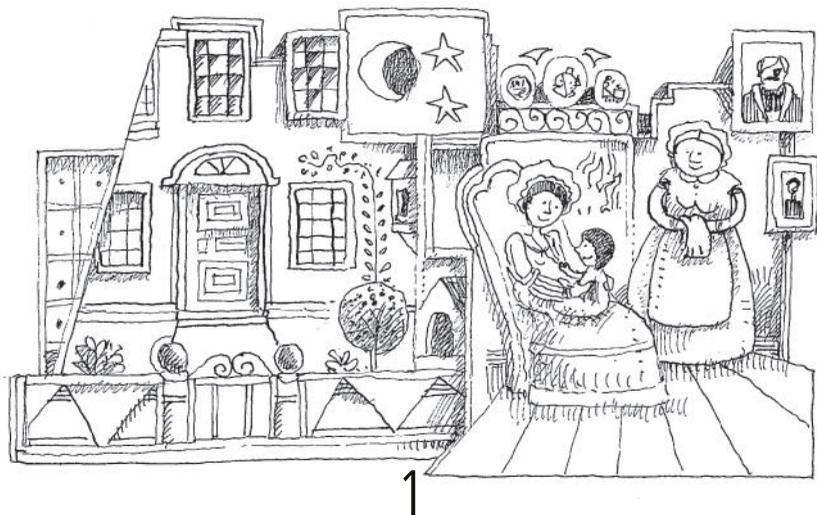
Por natureza e por necessidade financeira, a capacidade de trabalho de Dickens era assombrosa. Empregado de um tabelionato aos quinze anos, aprendeu estenografia. Um pouco mais tarde, já trabalhava como repórter para revistas e jornais. Logo depois, sob o pseudônimo de Boz, publicava crônicas em que elementos reais e imaginários, fundidos humoristicamente, tornavam-no um jornalista cada vez mais apreciado.

O público de Charles Dickens adquiriu consciência política com as consequências negativas da Revolução Industrial: o êxodo rural, que sujeitava o trabalhador a baixos salários e condições de trabalho aterradoras nas fábricas; a falta de representantes da classe operária no

Parlamento britânico; a profunda depressão econômica causada pela superprodução de mercadorias.

Por meio de seus escritos, Dickens deu grande publicidade aos abusos que se cometiam contra a população pobre da Inglaterra por também ter sido vítima daquele sistema social opressivo. O professor vingativo, o patrão tirano, o menor abandonado, as leis injustas, a prisão por dívidas, a fome, a doença faziam parte da vida de personagens e leitores.

Charles Dickens morreu repentinamente, em 1870, aos cinquenta e oito anos, e foi sepultado na abadia de Westminster, Londres, por desígnio de sua mais nobre leitora, a rainha Vitória (1819-1901).



Minha vida em família

Nasci numa sexta-feira do mês de março, à meia-noite em ponto. Por causa do dia e da hora, uns e outros profetizaram que eu seria infeliz na vida e que teria o dom de ver fantasmas e espíritos. Com relação à primeira profecia, a história que me proponho contar vai mostrar; quanto à segunda, até este momento não se cumpriu.

Meu pai havia morrido seis meses antes de eu nascer. Era um homem de saúde frágil, bem mais velho que minha mãe – tinha o dobro da idade dela quando se casaram. Deixou-lhe uma pensão anual suficiente para viver sem preocupações financeiras e uma empregada, que ele resolvera chamar pelo sobrenome – Pegotty –, já que o primeiro nome – Clara – era o mesmo de minha mãe.

Morávamos em Blunderstone, uma cidadezinha do condado de Suffolk, no Sudeste da Inglaterra. Apesar de modesta, nossa casa era confortável e ampla, com um belo jardim e um quintal onde havia um pombal sem pombo nenhum e um canil sem cachorro nenhum.

Tínhamos duas salas no andar térreo. A menor era nossa favorita, onde ficávamos à noite; Pegotty nos fazia companhia depois que cumpria suas tarefas e sempre que não recebíamos visitas. A maior só era usada aos domingos e em minha cabeça estava associada com a morte, pois ali teve lugar o velório de meu pai e ali minha mãe leu para nós a história de Lázaro ressuscitado. Essa sala me causava pesadelos terríveis, que obrigavam minha mãe e Pegotty a me tirar da cama e me levar até a janela de meu quarto para eu ver o cemitério da igreja e, assim, me assegurar de que nenhum morto havia se levantado do túmulo.

Uma noite, minha mãe foi visitar a sra. Grayper, nossa vizinha, e voltou acompanhada de um elegante cavalheiro de bigode preto que no domingo anterior caminhara conosco até nossa casa, quando saímos da igreja.

– Você tem mais sorte que um rei – ele me falou, estendendo a mão para me acariciar a cabeça.

– O que o senhor quer dizer com isso? – perguntei, ao mesmo tempo que afastava sua mão bruscamente.

– David! – minha mãe exclamou. – Que modos são esses?

– Não ralhe com o menino – o homem lhe pediu. – É uma reação natural...

Não entendi o motivo de sua condescendência, mas não gostei de seu jeito, nem de sua voz, nem da maneira como olhava para minha mãe. Ainda bem que logo ele se despediu e rumou para o portão; ao sair, dirigiu-nos um aceno e um sorriso que me pareceram simplesmente agourentos.

A partir de então, Pegotty passou a ficar cada vez menos conosco na sala e o sr. Murdstone (assim se chamava o elegante cavalheiro de bigode preto) passou a frequentar nossa casa cada vez mais. Pouco a pouco me acostumei com sua presença, porém a primeira impressão que tive dele não se desfez.

Uns dois meses depois que essa situação se instalara em nossa vida, eu estava lendo meu livro sobre crocodilos, que praticamente já sabia de cor, e Pegotty estava cerzindo meias,

enquanto esperávamos minha mãe voltar de mais um jantar com o sr. Murdstone. De quando em quando, eu olhava para Pegotty, só para me certificar de que ela estava prestando atenção na leitura, e por várias vezes a surpreendi de boca aberta, prestes a dizer alguma coisa que, no entanto, custou a sair.

– O que você acha de passar uns dias comigo na casa de meu irmão, em Yarmouth? – ela finalmente perguntou, interrompendo a cerzidura por um instante. – Meu irmão é um sujeito muito simpático, e Yarmouth é uma cidade muito gostosa – acrescentou. – Você pode brincar com meu sobrinho Ham, pode correr pela praia, pode passear de barco, pode ouvir as histórias dos pescadores...

– Acho ótimo! – exclamei, encantado com tantos atrativos. – Mas... será que minha mãe me deixa ir?

– Claro que deixa! Se você quiser, falo com ela hoje mesmo.

Uma terrível preocupação estragou minha alegria.

– Mas... o que minha mãe vai fazer enquanto estivermos fora? Ela não pode ficar sozinha...

Pegotty baixou os olhos e não respondeu. Se estava procurando um furo no calcanhar da meia que tinha na mão, devia ser tão minúsculo que nem valia a pena cerzir.

– Ela não pode ficar sozinha – repeti, mais preocupado ainda.

– Quem falou em ficar sozinha? – Pegotty rebateu. – Você não sabia que ela vai passar uns dias com a sra. Grayper?

– Bem, sendo assim... – suspirei, aliviado. – Quando é que a gente viaja?

Naquela noite, contei os minutos para ouvir minha mãe declarar que concordava com o projeto das férias inesperadas em Yarmouth. E, depois de receber sua aprovação, contei os minutos até o dia glorioso da partida. Ah, se eu soubesse o que ia acontecer, não estaria tão ansioso para me afastar de meu lar feliz!

É bom lembrar que, quando nos despedimos, minha mãe

me beijou várias vezes e me abraçou e chorou, e eu senti um amor tão grande por ela e por nossa velha casa que também me pus a chorar, com a cabeça em seu peito. É triste lembrar que logo o sr. Murdstone nos separou e, com uma expressão irritada, cochichou alguma coisa para minha mãe e a conduziu para dentro. Olhei para Peggotty, pronto para lhe pedir uma explicação, porém ela estava tão transtornada que achei melhor não abrir a boca. Se havia recebido ordens de me levar para uma floresta distante, como nos contos de fada, ela certamente jogaria botões na estrada para me indicar o caminho de volta.

